

LUIZ SÍVERES
Organizador

DIÁLOGO

Um princípio pedagógico



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO de Juventude,
Educação e Sociedade



Brasília, DF
Unesco, 2016

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da editora e do Programa Mestrado e Doutorado em Educação da UCB.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Coleção Juventude, Educação e Sociedade

Comitê Editorial

Afonso Celso Tanus Galvão, Célio da Cunha, Cândido Alberto da Costa Gomes, Carlos Ângelo de Meneses Sousa, Geraldo Caliman (Coord.), Luiz Síveres, Wellington Ferreira de Jesus

Conselho Editorial Consultivo

Maria Teresa Prieto Quezada (México), Bernhard Fichtner (Alemanha), Maria Benites (Alemanha), Roberto da Silva (USP), Azucena Ochoa Cervantes (México), Pedro Reis (Portugal).

Conselho Editorial da Liber Livro Editora Ltda.

Bernardete A. Gatti, Iria Brzezinski, Maria Celia de Abreu, Osmar Favero, Pedro Demo, Rogério de Andrade Córdova, Sofia LercheVieira

Capa: *Jheison Henrique*

Revisão: *Ofitex – Consultoria em Linguagem*

Diagramação: *Jheison Henrique*

Impressão e acabamento: *Cidade Gráfica e Editora Ltda.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Diálogo – Um princípio pedagógico / Luiz Síveres (Org.) / Brasília: Liber Livro, 2016.

192 p. ; 24 cm.

ISBN: 978-85-7963-149-8

Universidade Católica de Brasília. UNESCO. Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade.

1. Educação. 2. Diálogo. 3. Formação de professores. I. Síveres, Luiz. II. Título.

CDU: 37.02

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação: Diálogo 37.02

2. Diálogo: Educação 37.02

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade

Universidade Católica de Brasília Campus I
QS 07, lote 1, EPCT, Águas Claras 71906-700 –
Taguatinga – DF / Fone: (61) 3356-9601
catedraucb@gmail.com

Liber Livro Editora Ltda.

SHIN CA 07 Lote 14 Bloco N Loja 02
Lago Norte – 71503-507 – Brasília-DF
Fone: (61) 3965-9667 / Fax: (61) 3965-9668
editora@liberlivro.com.br
www.liberlivro.com.br

Capítulo 1

O diálogo na educação: uma relação entre o dialógico e a dialogicidade

Luiz Síveres

Introdução

O diálogo é uma palavra plena de significados para a natureza humana e para a história da humanidade, porque se caracterizou como uma palavra geradora e criadora da sua condição existencial, uma palavra formadora e transformadora da realidade pessoal e social, e uma palavra escutada e proferida para dar um sentido à dinâmica educacional. Por isso a razão de compreender o diálogo como um procedimento relacional entre o princípio dialógico e o processo da dialogicidade.

A palavra *dia-logos* tem na sua raiz grega uma conexão entre o discurso e a prática, uma vinculação entre o pensamento e o sentimento, e uma interação entre a razão e a experiência. Neste sentido o diálogo não é apenas uma cadeia produtiva de informações, nem uma rede de comunicações e, nem tampouco, um sistema

de tecnologias de comunicação. Mesmo contando com estas instrumentalidades, o diálogo é um princípio instituidor da existência humana, uma mediação para a construção do conhecimento e, portanto, uma possibilidade de contribuir com as finalidades do processo educativo.

Estas categorias estiveram presentes, inicialmente na sistematização da filosofia ocidental, especialmente na experiência originária da cultura grega, que compreendia o diálogo como um convite a mergulhar no pensamento. Na sequência, no período medieval, demarcado pelo conhecimento teológico, propunha-se um conhecimento vinculado ao mistério, configurando-se uma vinculação com o transcendente. E no contexto da modernidade, por fim, o diálogo foi inserido na trajetória pessoal e social como um procedimento comunicacional.

As características acima anunciadas, dentre muitas outras, continuam repercutindo na realidade atual, como nos núcleos familiares, nas organizações comunitárias, nos agrupamentos sociais ou nos sistemas globais, mas um dos espaços apropriados para o exercício do diálogo é o ambiente educativo, que deveria compreendê-lo, tanto como princípio educativo quanto como uma mediação educadora.

Para a proposição deste diálogo educativo estaria se sugerindo, portanto, uma compreensão do princípio dialógico tendo como referência a filosofia de Martin Buber (1878-1965) e o processo da dialogicidade, tendo como argumento a pedagogia de Paulo Freire (1921-1997). Portanto, o diálogo entre estes educadores e a proximidade dos princípios educativos do dialógico e da dialogicidade constituem a inspiração deste trabalho, que tem por objetivo contribuir com uma educação que se projeta para o sentido existencial e social da comunidade educativa.

1. Conversa entre dois “compadres”

Na cultura brasileira e, certamente, na latino-americana, a figura dos compadres é muito valorizada, quando não reverenciada. Independentemente deste vínculo mais familiar, religioso ou cultural deseja-se, nesta reflexão, compreender as

semelhanças e diferenças entre Martin Buber (1987; 2001; 2009) e Paulo Freire (1977; 1987; 1998; 2005; 2012), considerados dois pensadores contemporâneos que deram uma significativa contribuição à humanidade e, de modo especial, ao processo educacional.

Martin Buber nasceu em Viena/Áustria e doutorou-se em Filosofia na Universidade de Berlim, tornando-se professor catedrático na Universidade de Frankfurt. Migrou, posteriormente, para a Palestina onde assumiu o magistério na Universidade Hebraica de Jerusalém e, nesta missão, foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz. Tanto a sua vida, quanto a sua obra, podem ser compreendidas na inscrição esculpida na sua lápide: “Permaneço sempre contigo”, que é um versículo do Salmo 73 que expressa o princípio da sua filosofia, pautada nos conceitos de encontro, de relação e de diálogo.

Paulo Freire nasceu em Recife/Brasil e como criança aprendeu a ler e escrever com seus pais debaixo dos pés de mangueira. Estudou Direito na Faculdade de Direito do Recife, foi convidado para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização, mas com o golpe militar, em 1964, começou o seu período de exílio. Neste tempo dedicou-se, principalmente, ao exercício da docência no Chile, nos Estados Unidos e Suíça. Posteriormente, peregrinou pela América Latina, Ásia e África para partilhar suas experiências pedagógicas. No retorno do exílio, dentre muitas funções, foi Secretário de Educação na Prefeitura de São Paulo e Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Embora Buber e Freire nunca tenham se encontrado pessoalmente, a percepção de mundo, a compreensão de ser humano e a importância de contribuir com a humanidade, por meio da educação, os tornou muito próximos. Esta proximidade se revelou, também, pelo desenvolvimento de uma dinâmica de pensamento circular entre reflexão e ação, *logos* e *práxis*, ética e estética. As semelhanças se deram, ainda, pela proposição de um projeto educativo que tinha no horizonte de sua realização um projeto de liberdade, mediado por um diálogo antropológico e pedagógico.

É possível perceber pelas obras, principalmente de Paulo Freire, que ele reiteradamente fez referência à filosofia de Martin Buber, sempre com o espírito de inspiração, mas ao mesmo tempo de superação, aspectos que caracterizam o perfil dos grandes pensadores. Além disso, as distinções entre ambos podem

ser percebidas pela originalidade histórica, pelo pertencimento cultural e pela proposição pedagógica, caracterizada pela filosofia buberiana como um processo mais social e pela pedagogia freireana como um projeto mais político.

Embora Buber e Freire tenham uma origem diferenciada, tenham vivido em contextos sociais e históricos distintos, e tenham empreendido projetos diversos, eles têm em comum a percepção de que a vida humana é uma relação integradora, de que o conhecimento é um processo interativo entre a reflexão e ação para transformar o mundo, e que a educação é um projeto humanizador e libertador da condição humana.

Apesar destas diferenças, a afinidade mais destacada que se deseja ressignificar é o diálogo, entendido como um atributo do ser humano e do agir pedagógico, bem como, compreendido como um princípio dialógico em Buber e como um processo de dialogicidade em Freire. Embora estes conceitos sejam complementares e estejam em constante sintonia, os mesmos serão apresentados na sequência e indicados seus aspectos mais expressivos, apenas para perseguir um percurso mais pedagógico.

2. O diálogo como um princípio dialógico

O diálogo, seja pela compreensão do seu conceito ou pelo exercício de sua prática, acompanhou a história da humanidade e assumiu características próprias em cada período da civilização humana. Por esta razão, também no projeto da modernidade o diálogo foi retomado, de maneira mais explícita através da filosofia de Martin Buber, que o compreendia como uma característica da identidade humana e como uma relação inter-humana, definindo-se, assim, o perfil da natureza humana por meio da relação entre a subjetividade e a intersubjetividade.

Martin Buber (1987; 2001; 2009) jamais buscou se identificar com alguma corrente teórica, mas por meio de suas obras é possível entender que ele esteve bastante próximo da filosofia da vida e, de modo especial, porque as suas reflexões foram pautadas no princípio dialógico para estabelecer uma relação inter-humana.

Além deste qualificativo atribuído ao ser humano, podem-se destacar,

ainda, as características de um ser político e econômico, social e cultural, ético ou estético. Diante deste mosaico de representações humanas, a filosofia buberiana parte do princípio de que o homem é um ser relacional e tal dinâmica pode se dar de distintas maneiras, mas ela se efetiva dentro de uma comunidade orgânica, que supera tanto o atomismo individual quanto o coletivismo totalitário.

Esta proposta está presente nas reflexões de Martin Buber, mas foi formatada com maior profundidade na obra *EU e TU*, ao propor o diálogo como um projeto de plenitude, isto é, não como um conceito, mas como um evento, um encontro, um acontecimento. São estas disposições relacionais que caracterizam o inter-humano e se expressam, segundo o autor, “em todas as formas, estruturas e ações da vida comunitária dos homens” (1987, p. 41). O inter-humano é, portanto, uma característica essencial da própria condição humana, mas que se efetiva na reciprocidade entre os humanos e se configura na experiência social.

O ambiente idealizado por Buber (1987) para esta dinâmica seria a comunidade, que por um lado constitui o elemento essencial da existência humana e, por outro, a sociedade seria a estrutura criada para a sua experiência social. Assim, a comunidade seria o espaço da aliança entre os humanos e a sociedade o lugar do contrato para efetivar o bem comum. Portanto, seria tarefa da sociedade promover o bem comum e da comunidade estabelecer laços de convivência humana, que se dariam efetivamente, por meio de um procedimento dialógico.

Desta forma, a compreensão do ser humano, como um projeto inter-humano, se daria por meio do diálogo que abrangeria a dimensão individual, comunitária e social. No entanto, seria no encontro e na relação que se daria a plenitude da condição humana e, por esta razão, Buber afirma que “A esfera do inter-humano é aquele do face a face, do um-ao-outro; é o seu desdobramento que chamamos de dialógico” (2009, p. 138). O diálogo é compreendido, neste sentido, como um princípio dialógico.

O diálogo como dialógico, para Buber (2001), estaria ancorado na palavra e se expressaria como um princípio e uma finalidade. Por isso, ela é originária porque está pautada numa palavra-princípio (*Grundwort*), mas tem uma intencionalidade no sentido de estabelecer um diálogo entre o Eu-Tu. Esta palavra é, portanto, portadora do ser e realizadora da condição humana, mas na

correspondência desta palavra-princípio encontra-se a palavra Eu-Isso, que é a característica da objetivação das relações humanas.

No entendimento de Buber (2001), estas duas palavras-princípio sustentam, basicamente, as possibilidades existenciais da condição humana. Por isso, elas são necessárias e se complementam porque a palavra Eu-Tu inaugura uma relação de face a face e a palavra Eu-Isso estabelece as condições objetivas de vivência e de sobrevivência da humanidade. Diante destes procedimentos humanos o autor se dá conta de que, geralmente, priorizamos as relações mais objetivas que tomam o mundo como experiência, em detrimento das mais subjetivas que fundamentam o mundo da relação e do encontro.

Com o objetivo de recuperar e valorizar o aspecto relacional, Buber afirma que “toda vida atual é encontro” (2001, p. 13), fato que se materializa, de forma prioritária na relação do Eu e Tu. Tal encontro é imediato porque se dá na relação de reciprocidade, enquanto que a relação Eu-Isso é sempre mediada, seja por sujeitos ou objetos. Por esta razão, segundo o autor, a relação inter-humana se daria, de forma privilegiada, por meio do diálogo.

O diálogo, com base no pressuposto ontológico de que o ser humano é um ser de relação e que na reciprocidade do encontro inaugura um encontro, é compreendido por Buber (2009) como dialógico. Neste sentido, o dialógico está pautado na reciprocidade entre todas as formas relacionais que se apresentam aos humanos, para os quais é necessário emitir uma resposta, que se expressa como um comportamento de responsabilidade humana.

O diálogo acontece no cotidiano das pessoas e nos acontecimentos concretos da sociedade, mas na medida em que este procedimento revela o sentido da existência e o significado da realidade, o princípio dialógico se torna um conceito e uma prática recomendada. Este princípio poderia ser compreendido por meio de distintos procedimentos, mas aqui será priorizado um entendimento do conceito e da prática dialógica pautada na reciprocidade, na responsabilidade e na alteridade.

A reciprocidade, tendo como referência o encontro e o diálogo, seria, para Buber (2001), um procedimento transformador da comunicação em comunhão, caracterizando, assim, a materialidade da palavra dialógica. Nesta circunstância, o princípio dialógico assumiria, inicialmente, a condição de reciprocidade que

poderia se inaugurar na relação do inter-humano. A vida dialógica seria, sob esta dimensão, um exercício de reciprocidade.

Outra característica do dialógico seria a diferenciação que Buber (2001) faz entre o dito e o dizer. Embora os dois conceitos estejam vinculados à palavra, o dito estaria mais próximo da transmissão de conhecimentos e o dizer seria uma expressão da linguagem para responder às palavras que realizam uma vida vivida. Neste sentido, o dialógico seria uma resposta aos dizeres da vida que seriam assumidos como uma atitude de responsabilidade. A existência dialógica seria, com base nesta reflexão, uma prática de responsabilidade.

Além dos atributos da reciprocidade e da responsabilidade, dentre outros, Buber aponta para um processo dialógico pautado na alteridade, porque “o movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro” (2001, p. 56). Este direcionamento não se resume num deslocamento em direção ao outro, mas muito mais num aproximar-se e num tornar-se presente na vida do outro, acolhendo as suas perguntas e, a partir delas, inaugurando um novo diálogo. Assim, o movimento de presença e de proximidade do outro é que vai caracterizar o princípio dialógico como alteridade.

Com essas características, Buber (2001) deseja superar uma percepção de sociedade, essencialmente pautada no monólogo, aspecto comparado a um simples reflexo do espelho, ou a um inseto com uma asa mutilada, ou à figura de um homem enfaixado. Portanto, para reverter este perfil extremamente individualista e materialista, além das características dialógicas da reciprocidade, da responsabilidade e da alteridade, o autor apresenta a possibilidade de um amor e de um *eros* dialógico, de uma racionalidade e de um pensamento dialógico, e de um princípio e de um processo educacional dialógico.

Enfim, considerando que “o homem se torna Eu na relação com o Tu” (BUBER, 2001, p. 32), o caminho recomendado para este relacionamento é encontrar o outro para permanecer em diálogo. O princípio dialógico caracteriza-se, portanto, como a plenitude da condição humana, que vai se efetivando por meio de uma relação inter-humana, que pode ser exercida através de inúmeras mediações, mas a proposição da reciprocidade, da responsabilidade e da alteridade, foi considerada mais adequada para o conjunto da reflexão sobre o diálogo como um princípio dialógico.

3. O diálogo como um processo de dialogicidade

A realidade contemporânea está sendo demarcada por uma força centrífuga e coloca os seres humanos, juntamente com os seus projetos nucleares como a família, a comunidade ou o agrupamento social numa ciranda global. Este movimento foi impulsionado, nos últimos decênios, principalmente pela capilaridade e pela potencialidade das tecnologias de comunicação. Por um lado elas trouxeram enormes benefícios à humanidade, mas por outro, estão desenraizando a condição humana das experiências mais originais e humanizadoras.

Embora se reconheça a importância deste movimento mais global e tecnológico, é necessário, segundo Freire (2012), voltar constantemente “à sombra da mangueira”, caracterizada como uma âncora da identidade pessoal e coletiva que se cria e recria constantemente. A recordação da mangueira se dá justamente no retorno às raízes familiares, aos troncos comunitários e às sementes que já germinaram e deram frutos para a sociedade. A sombra da mangueira representava, ainda, o acolhimento e a autenticidade, a reflexão e a partilha, a criatividade e a projetividade para novos horizontes, para novas esperanças e para novas utopias.

A mangueira, para o autor, transformou-se num ponto de referência, a partir da qual estabeleceu um diálogo com o mundo. Percebe-se, portanto, um movimento de saída em direção ao mundo e um movimento de retorno à sombra da mangueira, caracterizando-se uma circularidade entre o local e o global, entre o ético e técnico, entre o pessoal e social. Embora exista um percurso circular, o caminho recomendado é sair do local e peregrinar em direção ao universal, mas podendo-se voltar, novamente, à mangueira como símbolo da morada humana e da moradia histórica.

Neste procedimento relacional entre a singularidade do sujeito e a pluralidade de percepções da realidade, Freire (1987) indica a necessidade de uma disposição humana pautada num compromisso amoroso que promove a liberdade, uma decisão esperançosa para criar e recriar novas possibilidades de humanização, bem como, uma manifestação de fé na vocação do ser e do ser mais, por meio do exercício da confiança, da humildade e do pensar crítico.

Com o objetivo de potencializar tais competências, Freire (1987) recomenda

o diálogo, que parte de uma percepção problematizadora da realidade, e na sinergia entre a ação e reflexão procura-se desenvolver a consciência plena da humanidade e a transformação coletiva da sociedade. Com base nesta proposta, segundo o autor, os homens são ao mesmo tempo criadores da história e se fazem seres históricos.

Por esta razão, segundo Freire, o diálogo é uma “exigência existencial” (1987, p. 79). Neste sentido o ser humano é um ser dialógico e vai exercitando a sua vocação dialogal na medida em que se caracteriza como palavra, isto é, uma palavra capaz de pronunciar o mundo e de promover a sua transformação. Assim, a relação dialogal não é apenas uma vinculação entre o Eu-Tu, proposta apresentada anteriormente, mas a sua ampliação com a possibilidade de estabelecer uma conexão entre o Eu-Mundo.

Para desenvolver este projeto, Freire (1987) sugere um processo de dialogicidade que é, essencialmente, uma prática da liberdade. Para instaurar esta proposta, a dialogicidade precisaria realizar a transição de uma consciência simples para uma complexa, de um comprometimento técnico para um ético e de um procedimento ingênuo para um filosófico. Assim, a prática da liberdade estaria alicerçada numa práxis, que seria a interação entre uma atitude reflexiva e uma ação transformadora.

Esta passagem remete à possibilidade de ser e ser melhor, bem como, de conhecer e conhecer melhor. Para dar efetividade a este procedimento, a dialogicidade deveria, segundo Freire, “supor maturidade, aventura do espírito, segurança ao perguntar, seriedade na resposta” (2012, p. 131). Estes atributos da dialogicidade, dentre outros, podem ser enriquecidos pelos conceitos de humanidade, de historicidade e de solidariedade.

A condição humana se realiza pela subjetividade, mas ainda mais, pela intersubjetividade. São as relações individuais e sociais que compõem as energias para ir formando o ser humano, que nunca se encontra numa fase de acabamento. Nesta dimensão mais subjetiva e social encontra-se a proposta de Freire que afirma que, “estar *no* mundo implica necessariamente estar *com* o mundo e *com* os outros” (2012, p. 32). É nesta conectividade entre o pessoal e o social que o ser humano vai constituindo a sua humanidade.

Além da humanização, o ser humano é um ser histórico porque, segundo

Freire, “o saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo” (2012, p. 29). A consciência de se perceber inacabado é que potencializa a humanidade para a abertura, a procura e a curiosidade, que se caracteriza pela pergunta ou pelo questionamento, propiciando as inúmeras possibilidades de conhecer e reconhecer os objetivos do conhecimento como objetivo de ser e ser melhor. É nesta interatividade entre o ser e o ser melhor que se vai efetivando a historicidade.

A característica da humanização e da historicidade são pressupostos para fazer da dialogicidade um processo de transformação do mundo. Por isso, a ação dialógica, para Freire (1987), caracteriza-se como um encontro de sujeitos que, em colaboração, desejam *pronunciar* e transformar o mundo. Neste procedimento destaca-se, principalmente, a adesão e a confiança nas pessoas, a proposição e organização de projetos, bem como a comunhão e transformação do mundo. É nesta articulação entre a reflexão e a ação que se pode desencadear um projeto de transformação do mundo.

Assim, os processos de humanização, de historicização e de transformação do mundo buscam caracterizar a dialogicidade como uma reação à percepção antidialógica que, segundo Freire (1987), identifica-se sempre como um procedimento de conquista, seja para aderir às ideias, às atitudes ou aos projetos do dominador. Por isso, junto com a conquista, estabelece-se um projeto de dominação por meio da manipulação ideológica, da divisão entre os agrupamentos sociais e da supressão de qualquer manifestação cultural.

Diante deste cenário o processo da dialogicidade é essencial para a humanização que se faz por meio do diálogo consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Neste caso, não é apenas exercitar o diálogo, mas ser dialógico, isto é, ser essencialmente humano no contexto da humanidade. Para dar cumprimento a este desafio, Freire sugere que o diálogo deveria ser “o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (1977, p. 43).

Por esta razão, a disposição dialógica não é definida pelos recursos técnicos, mas muito mais pelos princípios éticos; não é difundida pela disponibilização de informações, mas pela prática da justiça; e, não é proposta pelas mediações instrumentais, mas pela ação política. Este procedimento parte do entendimento de que a dialogicidade, para Freire (2012), é uma integração entre uma exigência

da própria natureza humana e uma comunicação que se encontra no centro do fenômeno vital. A dialogicidade é, enfim, um processo que acontece entre a experiência vital e a dinâmica relacional, de modo específico pela expressão de humanidade, de historicidade e de transformação do mundo, configurando-se num projeto de *vida* e de *mais vida*.

4. O dialógico e a dialogicidade no projeto educacional

A reflexão anterior apontou para a compreensão que Martin Buber e Paulo Freire tiveram da realidade, destacando-se para uma percepção monológica e antidialógica, respectivamente. A estes condicionantes é oportuno agregar a reflexão de Hans-Georg Gadamer (2009), que apesar do desenvolvimento das tecnologias da informação e do crescimento das competências tecnológicas, percebe que a humanidade está se tornando, no contexto atual, cada vez mais incompetente para o diálogo.

A proposta para minimizar este fenômeno percebido é a indicação do princípio dialógico e do processo da dialogicidade, que foi um elemento considerado inerente à condição humana e aos seus relacionamentos sociais, e agora será direcionado para o projeto educacional, objetivando potencializar uma educação humanizadora e emancipadora na conjuntura contemporânea.

Esta proposta buscaria superar uma educação entendida como propaganda e tal percepção foi feita por Buber (2001), ao estabelecer uma diferenciação entre o político e o social. Porque para o autor, enquanto o político estaria mais preocupado com o poder, o social seria mais adequado para as relações mútuas. Embora aconselhe a participação política, o autor chama a atenção para a tendência do poder subjugar todas as expressões humanas, sugerindo, portanto, a expressão social do inter-humano que se daria na comunidade. Com base neste entendimento existe uma distinção entre propaganda, mais conectada à política, e a educação mais vinculada à comunidade. Por isso, para a filosofia buberiana, a educação é um projeto comunitário na qual se podem desenvolver e exercitar as relações inter-humanas.

Neste sentido, a educação seria para Buber (1987), com base na reflexão

anterior, uma proposição de objetivos que estariam direcionados para um projeto social, mas ao mesmo tempo, haveria a necessidade de se educar comunitariamente por meio da diversidade de relações. Desta forma, a educação teria uma finalidade em si mesma, na medida em que se estaria educando para a comunidade e, também, uma objetividade social na medida em que o processo educacional estaria conduzindo para o exercício econômico, político ou social.

Por esta razão, no contexto da filosofia buberiana, a educação seria relação e capacitação. Isto é, a relação estaria revestida de comunidade porque nela se poderiam estabelecer um relacionamento autêntico e genuíno com o outro, e a capacitação seria uma exigência da sociedade para a realização profissional. Considerando, segundo Buber, que “as pessoas são educadas para a comunidade pela simples vida comunitária na qual nasceram e cresceram” (1987, p. 91), o projeto educacional teria um forte componente comunitário.

Pelas razões acima enunciadas, a educação como um princípio dialógico se configuraria como um procedimento de reciprocidade no contexto do inter-humano, uma expressão de responsabilidade que busca responder às perguntas formuladas, e o acolhimento da alteridade que pode ser exercitado no encontro e na relação pedagógica, de modo preferencial num ambiente comunitário e por meio de um projeto social.

Na complementaridade deste pensamento, Freire (1998) também percebe que a educação está fortemente marcada por uma tendência “bancária” e que precisa, portanto, de um referencial pautado na autonomia. Este processo exige uma relação de abertura do ser humano, que carrega uma intencionalidade de ser mais por meio das relações consigo mesmo e com os outros, para efetivar um projeto político. Neste sentido, a educação poderia contribuir para formar um cidadão comprometido com o próprio crescimento, mas de modo especial, com o desenvolvimento da sociedade, configurando a educação como um projeto político.

A proposta de Freire (1987), para que a educação tenha este caráter dialogal, precisaria partir da realidade e perceber nela os temas geradores para um procedimento educacional. Uma vez consciente destas temáticas, o autor sugere um percurso metodológico crítico no qual se articulam o abstrato e concreto, o conceitual e operacional, o subjetivo e objetivo. Com base nesta dialética e além

de investigar a realidade e ter consciência dos seus significados, é necessária uma práxis, que no fundo é o diálogo entre a reflexão e a ação.

De acordo com Freire, “O diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora aos educandos” (2005, p. 118). Isto revela que o diálogo pedagógico está presente na subjetividade do educador e do educando, bem como na mediação que se estabelece por meio do diálogo com a diversidade de conhecimentos.

Tais procedimentos, segundo Freire (1998), fazem parte do princípio de que o ser humano é um ser inacabado e, portanto, busca uma plenitude no exercício ético para consigo mesmo e para com os outros, bem como um espírito de abertura que se aproxima da relação política para desenvolver uma ação e transformação social, bem como um direcionamento pedagógico de inquietação e curiosidade. Estes atributos, dentre outros, configuram a existência humana, principalmente pelo seu movimento contínuo de inacabamento.

Nesta percepção, o diálogo, além de caracterizar a dimensão ontológica do ser humano, constitui-se também num procedimento epistemológico, na medida em que a criação e sistematização do conhecimento percorrem um caminho que considera, segundo Freire (1992), a problematização do próprio conhecimento sobre a realidade através da sua compreensão e consequente transformação.

A educação como um processo de dialogicidade desenvolve-se mediante um relacionamento entre os objetos do conhecimento que buscam as suas razões de ser. Tal relação dialógica se daria, portanto, pela configuração pessoal e social e se transformaria numa exigência epistemológica e, neste caso, a dialogicidade se configuraria, conforme visto acima, como um projeto de humanização, de historicização e transformação social.

Considerando que o processo educativo estaria vinculado, de acordo com Síveres (2015), à natureza humana como uma expressão antropológica e à necessidade de se efetivar um percurso aprendente pela processualidade pedagógica, tal proposta reforçaria a necessidade de estabelecer uma articulação entre o dialógico e a dialogicidade, bem como, compreender a educação como uma finalidade em si mesma e como objetividade pessoal, social e profissional.

No contexto de uma realidade caracterizada pela complexidade, o processo

educacional deveria incorporar o princípio dialógico que, segundo Rodrigues, “é aquele que requer a conjugação e a associação de instâncias contraditórias, relacionadas a determinado fenômeno, que propõe a convivência de antagonismos e oposições” (2006, p. 20). Neste caso, além de vivenciar uma articulação entre o ser e o agir pedagógico, é recomendado uma relação dialética entre o jeito de ser e a maneira de ressignificar os conhecimentos, rompendo com a dinâmica da justaposição e recuperando a disposição complementar e antagônica da formulação do pensamento.

Tendo como referência a proposta acima, Dalbosco (2007) compreende o agir pedagógico como um agir dialógico. Esta proposição buscaria superar um conceito reducionista de um fazer pedagógico, geralmente conectado ao desenvolvimento de algumas técnicas de ensino, ampliaria o ambiente espacial na medida em que o processo de ensino e aprendizagem não se daria apenas na sala de aula, bem como, suplantaria o período temporal na medida em que o processo educativo não se esgotaria apenas no momento presente.

Compreende-se, enfim, que o projeto educativo é essencialmente um processo dialogal, que se estabelece na relação entre sujeitos, que mediados pela realidade e pelos fenômenos, buscam articular o ser e o agir para promover uma educação humanizadora e libertadora. Para isso, estaria se sugerindo a retomada do princípio dialógico como uma experiência existencial e o processo da dialogicidade como uma prática da liberdade.

Conclusão

Após estabelecer um diálogo entre Martin Buber e Paulo Freire, destacando-se uma disposição para compreender a educação como um princípio dialógico e um processo da dialogicidade, é necessário perceber que a realidade atual está revelando a emergência de impérios culturais, o crescimento de blocos econômicos e o fortalecimento de agrupamentos religiosos, situações que expressam a dominação cultural, a contradição social e o fanatismo religioso, aspectos determinantes que indicam para a ausência ou a fragilidade do diálogo.

Estas características, embora explicitadas por meio de uma tonalidade mais

evidenciada no contexto atual, já foram captadas por Buber e Freire por meio da percepção do monólogo e da atitude antidialógica, respectivamente. Com base neste entendimento os autores sugeriram a retomada e a valorização da dinâmica dialogal, de modo especial no processo educacional, porque estavam preocupados com um projeto social e político que tivesse como referência a humanidade e a liberdade do educador e do educando.

Por esta razão, torna-se necessário superar uma metodologia pautada na dicotomia que separou o sujeito do objeto, aspecto fortemente desenvolvido pela filosofia positivista, bem como, superar um modelo educativo que se agrupou em torno da racionalidade, tendo como referência o iluminismo e, ainda, a insurgência da instrumentalidade técnica, por meio de uma retomada do pragmatismo. Tais vertentes filosóficas deram uma grande contribuição à humanidade, mas percebe-se uma disposição para superar esta educação pautada apenas na disciplinaridade, na racionalidade ou na instrumentalidade.

A possibilidade por compreender a educação, por meio de um projeto dialogal, reafirma a oportunidade de retomar e exercitar uma dinâmica que buscaria superar a despersonalização do ser humano e a instrumentalização da educação. E para isso, com a inspiração no princípio dialógico, segundo a filosofia buberiana, poderia ser uma “pequena faísca” que precisaria ser redescoberta a todo instante, e no sentido do processo da dialogicidade, concernente à pedagogia freireana, poderia ser a experiência do “inédito viável”, que entenderia a realidade e projetaria para a utopia.

Enfim, apesar da predominância destes pressupostos, o percurso realizado na companhia de Martin Buber e de Paulo Freire revelou que o caminho do diálogo é mais indicado porque consegue vincular os diversos sujeitos educativos e integrar as distintas finalidades educacionais, por meio do princípio dialógico e do processo da dialogicidade. E, portanto, tendo como base esta proposta é possível desenvolver uma educação que se constitua num procedimento dialogal entre o ser e o agir, entre a *paideia* e a *politeia*, entre a prosa e a poesia, entre a técnica e a ética, entre a realidade e a utopia.

Referências

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Eu e Tu**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Pedagogia filosófica**: cercanias de um diálogo. São Paulo: Paulinas, 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**. Complementos e índice. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Maria Lúcia. Metodologia multidimensional em ciências humanas: um ensaio a partir do pensamento de Edgar Morin. In: _____; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em ciências humanas**. Brasília: Liber Livro, 2006, p.13-32.

SÍVERES, Luiz. **Encontros e diálogos**. Pedagogia da presença, da proximidade e da partida. Brasília: Liber Livro, 2015.